

01

“EROTEIDA”, DE RAYMUNDA TORRES Y QUIROGA

Daniele Ap. Pereira Zaratín

Daniele Ap. Pereira Zaratín

Doutora em Letras (ênfase em literatura hispano-americana) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com período de estágio doutoral na University of Houston (sob supervisão da Profa. Dra. Cristina Rivera Garza) financiado pelo Programa PDSE/Capes. É Mestre em Letras, licenciada em Português-Espanhol e bacharel em edição e editoração de textos. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE), onde atua na área da Letras (Português-Espanhol). Faz parte dos Grupos de Pesquisa O insólito ficcional na literatura contemporânea (MACKENZIE) e Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Linguagens (GEPEL – UPE). Também é pesquisadora docente colaboradora do GT Vertentes do Insólito Ficcional (ANPOLL). Seus trabalhos de pesquisa abrangem a literatura latino-americana contemporânea, sobretudo as narrativas ficcionais do insólito ficcional em diálogo com a historicidade. Sua atuação docente engloba tanto o ensino das línguas espanhola e portuguesa, assim como de suas respectivas literaturas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9017594931294100>.E-mail: daniele.zaratin@upe.br

SOBRE A AUTORA, SUA OBRA E O CONTO ESCOLHIDO: BREVE APRESENTAÇÃO

Pioneira da literatura fantástica escrita por mulheres no século XIX e ainda pouco conhecida no continente (tanto sua obra como sua biografia), a escritora argentina Raymunda Torres y Quiroga contribuiu, ao lado de suas contemporâneas Juana Manuela Gorriti y de Eduarda Mansilla de García, para a consolidação e difusão desse tipo de narrativa em seu país.

Entre as décadas de 1870 e 1880, Raymunda Torres y Quiroga publicou seus textos ficcionais em diversos jornais e revistas de Buenos Aires e do interior da Argentina. Para isso, usava uma pluralidade de pseudônimos, como Madre Selva, Luciérnaga, Estela, Celeste, Leopoldo e o mais conhecido: Matilde Elena Wuili, também grafado como Wili.

Em suas narrativas, o fantástico e o horror se destacavam, assim como a explícita influência de autores como Hoffmann, Poe e Shakespeare. *Historias inverosímiles* foi o título escolhido para a compilação de seus textos, que despertavam interesse do público tanto por sua forma de narrar como pelas temáticas escolhidas pela autora, presentes em enredos nos quais abundam “manchas de sangue, gusanos, cabezas seccionadas, espectros que clamam venganza” (GASPARINI, 2020, p. 50).

Sob o seu pseudônimo mais conhecido, a autora argentina publica, em 1884, *Entretenimientos literarios*, obra dividida em quatro partes: “Fantasías”, “Retratos de brocha gorda”, “Miscelâneas” e “Páginas Celestes”. Apesar do seu título sugerir se tratar de um livro somente para distração, a obra de Raymunda Torres y Quiroga, militante feminista, toca em temas

indiscutivelmente relevantes, inclusive para os nossos dias, como, por exemplo, a violência contra mulheres.

Justamente da seção “Fantasías” vem o conto escolhido para a nossa tradução. “Eroteida” narra a confissão de um feminicídio. O narrador-personagem, apaixonado perdidamente pela figura que dá o nome ao conto, surpreende, em determinada noite, a sua “amada” lendo um livro de magia. Ao olhar para seu rosto, ele relata ter visto um “horrible espectro”. Acaba desmaiando. Ao recobrar os sentidos, Eroteida já havia voltado a seu aspecto habitual, de acordo com ele. Entretanto, posteriormente, ainda atormentado pela anterior visão, uma noite ele a estrangula. Enterra-a no jardim, porém não encontra paz que buscava: Eroteida retorna todas as noites e a imagem que prevalece é a de seus “magníficos olhos encobertos pelas sombras da morte”.

Esperamos que essa tradução contribua para fomentar leituras, pesquisas e outras traduções da obra dessa ainda pouco conhecida autora.

A todos, boa leitura.

EROTEIDA

*Não: ela não era a realização do ideal que eu
sonhava: ela não havia feito mais que vestir suas
formas para me perder eternamente.
Hoffmann*

Morreu! Por que, pois, não hei de contar sua história? Por que calar quando a voz do remorso fala mais forte que a voz da razão? Por que não revelar ao vulgo indiferente meu crime? Viverei mais tranquilo e banirei do meu pensamento sua lembrança, sua

lembrança que me atormenta todas as horas e não me deixa um momento, um momento só? Não, certamente.

Morreu!

Posso repetir bem alto, porque ela não existe e ninguém se atreverá dizer: aí está o assassino! Escutem a confissão do réu sentenciado por sua própria consciência a um suplício sem nome, sem nome na terra.

Sim, eu a amava com um delírio que tinha algo de loucura. Sua esplêndida beleza e seu talento cativaram meu coração, meu coração selvagem.

Várias vezes tentei reproduzir na tela seus encantos, mas o pincel caía de minha mão, quando queria desenhar seu sorriso, seu incomparável sorriso.

Olhava seus olhos e a vertigem da inspiração se apoderava de mim, e traçava linhas, linhas, mas... nada mais que linhas. O que havia no fundo de sua escura pupila? O que no raio de sua córnea?

Eu não o sabia.

O homem zombava da impotência do artista. E Cada dia que passava, descobria novos atrativos na Eroteida. Sua formosura havia chegado ao grau superlativo do extraordinário, do inconcebível. Era a formosura típica da diosa, sob a forma feiticeira da mulher.

Uma noite (uma noite que quisera esquecer, para sempre jamais), entrei na ponta dos pés no gabinete da minha amada. Queria surpreendê-la em seus trabalhos algébricos, que eram sua ciência favorita.

A lâmpada irradiava uma débil claridade, de tal sorte que o quarto estava quase na escuridão. Cheguei até sua poltrona sem ser

notado, e por curiosidade, só por curiosidade, estiquei o pescoço por cima de seu ombro para ver o que lia. Era um livro de Magia.

Por um capricho do destino, levantou a cabeça que até então estava inclinada para as folhas cobertas de caracteres cabalísticos: ao fazer esse movimento, percebeu minha presença.

Eu dei um grito ao ver suas feições. Tinha diante de mim um horrível espectro! Desmaiei.

Quando me recuperei, vi a Eroteida que estava a meu lado; porém a Eroteida mais deslumbrante que nunca, com sua soberba majestade apenas comparável a de Semiramis; a Eroteida que sorria e cravava suas pupilas nas minhas. Suas magníficas pupilas. Jamais havia me olhado assim, jamais.

Não me atrevi a interrogá-la sobre o que havia visto ou acreditado ver.

Minha fantástica imaginação fantasia tantas coisas, que às vezes sorrio de minhas visões noturnas. E, entretanto, desde aquela maldita noite que quisera esquecer para sempre, eu havia adquirido um ódio profundo de Eroteida.

Uma tarde que conversávamos sobre questões filosóficas (já lhes contei que tinha talento) e quando me declarava vencido pela força de seus argumentos incontestáveis, não sei se foi o demônio da Fatalidade ou o gênio do Crime (talvez os dois) que disseram no meu ouvido essas palavras: Espectro! Magia!

Eu não vi o incomparável sorriso de Eroteida, nem o brilho de suas pupilas, de suas magníficas pupilas.

Uma nuvem de sangue escureceu minha vista e me lancei frenético sobre minha vítima.

Ao separar minhas mãos de sua garganta, seu rosto estava roxo.

Eu a havia estrangulado!

Enterrei o cadáver no fundo do jardim e me deitei tranquilo, pensando nos dias de felicidade que me aguardavam, livre como estava da aborrecida presença de Eroteida.

Por volta da meia noite, senti que abriam o trinco da porta. A luz da lua que penetrava pela janela alumbrava vagamente o quarto.

Eu não conheço o medo, mas tremi, tremi pela primeira vez na minha vida.

Sim, estava acordado e ouvia, ouvia, ouvia os passos que se aproximavam e que a lã do tapete não conseguia abafar. A sombra avançava, avançava sempre mais. E parou junto ao leito. A lua iluminava seu rosto.

Era ela!

Ela, que ainda ostentava em sua garganta as marcas dos meus dedos e fixava nas minhas, suas pupilas sem brilho e sem expressão;

Desde então, nessa mesma hora, eu a sinto se aproximando e vejo seus olhos, seus magníficos olhos, mas encobertos pelas sombras da morte.

Ela se vai, mas o reflexo de suas pupilas fica, fica para alumbrar minha mente criminosa.

REFERÊNCIAS

GASPARINI, Sandra. *Las horas nocturnas*. Diez lecturas sobre terror, fantástico y ciencia. Editorial Argus-a: Buenos Aires, Argentina; Los Ángeles, USA: Editorial Argus-a, 2020.

TORRES y QUIROGA, Raimunda. *Historias inverosímiles*. Carlos Abraham (Ed.). Temperley, Argentina: Trenen Movimiento, 2012.